

REINVENTAR-SE... SEMPRE!!!

Silvio de Abreu - 29/07/2019

Mediadora: Ivani Cardoso

Abertura: *Maria Celia de Abreu abre o evento agradecendo a presença dos participantes, apresentando o projeto Reinventar-se... sempre! e o Ideac, e passa a palavra para a mediadora Ivani Cardoso.*

Ivani: Boa noite, estou super feliz de estar aqui para conversar com o Silvio. Não precisa apresentar, mas vamos lá: Silvio de Abreu é ator, roteirista, diretor, fez cenografia e atualmente está na Direção Geral da Dramaturgia da TV Globo, nas novelas, em séries, está mandando em tudo. Mas se está lá é porque merece. Silvio, vamos começar justamente nos colocando no tema desse projeto que a Maria Celia idealizou para o Ideac, esse “*Reinventar-se... sempre!*”, do qual estamos gostando muito. Como é esse “*Reinventar-se... sempre!*” para você?

Silvio: Primeiro, muito obrigado por vocês estarem aqui. É uma beleza ver essa plateia toda, essas pessoas que vieram aqui num fim de dia. Muito, muito obrigado por vocês estarem aqui.

Maria Celia fala uma coisa com relação à vida que eu acho muito bonita. Achei muito original quando ela inventou isso e é uma coisa que me comove muito. A vida é uma estrada pela qual você vai passando; e a paisagem vai mudando; e você também vai se modificando; e também vai se encantando com as novas paisagens que a vida vai te mostrando. Então, acho que reinventar-se é uma necessidade da vida, de qualquer pessoa, não só da vida da pessoa mais velha. A gente se reinventa o tempo todo.

Ultimamente eu tive essa reinvenção: quando eu fiz setenta anos eu queria me aposentar. Eu não queria mais escrever novela, não que não gostasse, eu gosto, mas é um trabalho muito cansativo e eu já não via mais sentido em ficar duzentos dias da minha vida sentado na frente de um computador bolando histórias. Como eu volto a dizer, não é uma coisa ruim, é uma coisa prazerosa, mas é muito cansativo. É um trabalho muito grande, e tem muita pressão em cima da novela, pressão de audiência, de público, de críticas, de atores, enfim. Trabalhar nisso durante muito tempo – eu fiz isso por 40 anos – é muito, muito pesado. Então, quando fiz setenta anos, disse: “Não quero mais fazer isso”; fui na Globo e disse que não estava mais com vontade de continuar... e eles me ofereceram esse cargo que eu tenho hoje - isso foi há seis anos atrás – esse cargo que tenho hoje, que é o de diretor geral de dramaturgia. Que é muito mais trabalho do que eu fazia antes (*risos*).

Aí é que vem o reinventar-se. Passei quarenta anos da minha vida em casa, de bermuda e chinelo, sentando na frente de um computador. Levantava às sete da manhã, escrevia, almoçava, de novo escrevia a partir das duas horas da tarde, terminava à meia-noite, ia dormir – e isso seguia, seguia, seguia. Quarenta anos assim. E de repente eu estou numa empresa enorme, num escritório, com duas secretárias, com toda a programação da televisão para eu resolver! Pensei: “Será que eu sei fazer isso, meu Deus do céu?” Não vou dizer que não fiquei com medo. Fiquei, nossa, fiquei! E eu disse para eles: “Vamos fazer o seguinte, vamos tentar: eu vou ficar um tempo, fico uns dois ou três meses, para a gente ver se dá certo, eu não sei se sei fazer isso”. E deu super certo!

Tive que me reinventar. Reinventar no sentido de ter que falar diferente com as pessoas, porque você é visto de outra maneira, as pessoas te tratam de outra maneira; ter uma posição de mando absoluto envolve muitas coisas, muitos interesses, muita produção, muitos atores, muito texto, muito tudo... mas... é muito bom você poder, aos setenta anos de idade, falar: “Meu Deus do céu, eu estou recomeçando a minha vida”.

Na verdade a minha vida sempre foi de recomeços. Na primeira vez que fui ao cinema, eu tinha cinco anos de idade, em 1947, não existia televisão - e quando vi aquela tela pela primeira vez eu quis entrar lá dentro. E eu sempre quis isso na minha vida: entrar naquela tela. Eu nunca quis outra coisa. Nunca quis ser médico, engenheiro, presidente da República, nada. Sempre achei que todo mundo queria entrar lá na tela do cinema. Todo mundo queria ser ator. Se não fosse para ser ator, então era melhor não ser nada na vida, acabou e esquece.

Eu sempre quis entrar naquela tela, e o que eu via era o ator, então quis ser ator. Só que eu não tinha o menor talento para ser ator. Mas eu insisti durante muito tempo: trabalhei oito anos como ator. Até que eu descobri que atrás do ator havia uma série de outras funções que também eram extremamente encantadoras, como dirigir, escrever... Comecei a dirigir, como assistente de direção, já me reinventando. Parei de ser ator, fui ser diretor. Já é uma outra vida. Parei de ser diretor porque comecei a escrever – porque eu não gostava do que os outros dirigiam; comecei a escrever para eu mesmo dirigir, acabei me reinventado de novo. Virei escritor. De escritor de cinema passei a escritor de novela, ofício completamente diferente. E como escritor de novela fiquei quarenta anos, até assumir esse cargo que tenho agora. Estive sempre no mesmo trabalho, dentro do que eu queria fazer, que era trabalhar com entretenimento, trabalhar com cinema, com teatro, com televisão, mas dentro dessa área eu fui me reinventando.

Acho que a reinvenção é o que faz a vida da gente valer a pena. E acho que a gente não tem que ter medo de se reinventar. A gente vai se adaptando às coisas e o mundo vai se abrindo cada vez mais. Eu acho que isso é uma coisa infinita. Não é porque você tem oitenta, ou cem, ou cento e vinte anos que você não tem

oportunidade de recomeçar. Você pode recomeçar sempre. A vida é assim, é isso que é bom da vida, é estar vivo, e com saúde, graças a Deus.

Ivani: Silvio, no Ideac a gente estuda bastante o envelhecimento, fala-se muito em intergeracional. As pessoas de mais idade, os benefícios de conviver com jovens. Você agora, nesse teu cargo, você está convivendo com jovens atores, jovens autores. Como está sendo essa experiência para você?

Silvio: No começo foi bem difícil. Porque hoje o mundo é muito diferente do que era – não digo há cem anos atrás, mas há dez anos atrás. Os valores, as ideias, os gostos são diferentes. Por exemplo, eu não consigo gostar de uma música que hoje está fazendo sucesso, porque eu não conheço, eu não sei; porque é tão diferente do que eu estou acostumado a gostar... Isso é coisa de velho? Não sei se é coisa de velho ou não, mas acontece que não consigo gostar. Mas tenho que conviver com isso, tenho que me adaptar a isso, porque tenho que lidar com as trilhas sonoras das novelas. A mesma coisa em relação às ideias dos jovens: não posso impor que as pessoas tenham as mesmas ideias que eu tenho, senão eu não vou evoluir, e nem vou deixar que as pessoas evoluam. Então, tenho feito assim: com a minha experiência, por exemplo, de contar uma história, pergunto para o autor novo: “Qual é a história que você quer contar?” e ele me conta a história dele. E eu digo: “De que maneira você vai contar essa história?” e aí eu posso ajuda-lo a contar de uma maneira mais eficiente.

Ivani: E aceitam?

Silvio: Aceitam. Isso é uma coisa muito boa: não tive nenhum conflito com nenhum autor novo. Nem com os velhos! (*Risos*). Deu para a gente se afinar. E também aí existe uma coisa que a idade dá, que é o respeito; quando você tem um currículo longo, as pessoas confiam em você. Os autores sabem o quê que eu fiz, sabem que eu sei o que estou falando, sabem que eu não estou falando bobagem, porque tenho um trabalho para mostrar, tenho resultados.

Mas essa convivência tem sido também muito prazerosa. Tenho aprendido muito com eles. Tenho aprendido muito. Essa é outra coisa boa da gente fazer: é a gente estar aberto. Embora você possa não gostar de determinada coisa, você tem que estar aberto a pelo menos entender aquilo, se não você vai ficar sempre dentro do seu mundinho. Claro que na minha casa, na minha vida particular, eu tenho o meu mundinho. Tenho meus filmes, minhas músicas, minhas coisas todas, do meu jeito. Mas quando estou trabalhando, não. Aí tenho que respeitar a cabeça das pessoas.

Também o público com o qual tenho que me comunicar tem a cabeça de hoje, não a cabeça de dez anos atrás.

Existe uma dificuldade grande quando você faz novela. Novela tem uma audiência muito grande: para vocês saberem, cem milhões de pessoas assistem a Globo

diariamente; é muita gente! Isso no Brasil, fora o que a gente exporta. Então, para manter um público desse tamanho, você tem que agradar em vários níveis. Da classe A à classe D-E. Quando você vai escolher um texto, quando você vai ver de que maneira vai contar aquilo, você tem que fazer com muito critério. E sabendo aonde você vai pegar. Temos um país em que o nível de escolaridade é muito baixo, as pessoas não têm um nível cultural muito elevado, então para se comunicar com elas você não pode usar um nível muito alto. Mas isso não quer dizer que você não tenha que passar boas ideias. Você tem que ter uma maneira de passar ideias relevantes, mas de uma maneira simples. É preciso que você saiba com quem você está falando. Se você fizer uma novela com um nicho muito pequeno, você não atinge os cem milhões de pessoas, e você também tira o entretenimento delas.

A função da novela como entretenimento, no Brasil, é muito, muito importante. Depois da pessoa ter trabalhado o dia inteiro, ter pegado o ônibus, ter aguentado o escritório, ter lavado o chão, ter entregado bandeja, enfim, dela ter vivido, ela vai chegar em casa, vai ligar a televisão e vai se entreter com alguma coisa. De graça. Ela não tem dinheiro para ir ao teatro, ela não tem dinheiro para ir ao cinema. Então, o que a gente quer é que aquele entretenimento seja da melhor qualidade, porque ali ela também vai poder absorver boas ideias, ela também vai poder fazer a sua catarse, também vai poder gostar dos personagens ou odiar os personagens, ou não se sentir sozinha mesmo se ela não morar com ninguém. Então, a novela tem uma função social, aglutinadora, muito, muito importante. E a gente está bem atento a isso: a gente quer fazer que isso seja relevante.

Ivani: Nesse processo de uma novela, vocês acompanham o que o público – você tem essa referência – o que o público está achando da novela. Como é que influi isso no trabalho?

Silvio: A novela é feita para o público. Uma novela que não tem audiência não tem sentido. Não é que ela não tem sentido porque vai dar prejuízo financeiro, ou porque o patrocinador vai brigar, não! É porque ela é feita para ser vista. Se você faz uma novela que custa – sei lá, oitocentos mil reais por capítulo – e ninguém vai ver os duzentos capítulos, você não só está jogando dinheiro fora – oitocentos mil vezes duzentos – como está perdendo um tempo danado. A novela tem que chegar ao público. A gente faz novela para o público assistir. Então o público é o nosso objetivo principal. Ivani, esqueci o que você perguntou...

Ivani: Eu perguntei assim: vocês têm essa referência: o público não está gostando desse personagem, ou está gostando de outro...

Silvio: Não. Isso é assim. A primeira pessoa que gosta ou não gosta de um personagem, a primeira pessoa que gosta ou não gosta de um ator, a primeira pessoa que vê se a novela está funcionando ou não é o autor da novela. Porque a gente escreve com uma antecedência muito grande. Atualmente, mais ainda do que na época em que eu escrevia novela. Quando uma novela estreia, a gente já tem uns

setenta capítulos escritos. Ou seja, se alguma coisa não funcionar, a gente vai demorar um tempo grande para consertar. Então, antes da novela estreiar, a gente faz muitos testes, lê demais, reescreve, mexe muito: esse é o processo que eu instituí lá na Globo. Para que quando ela estreie não dê problema, para que o público possa acompanhar direito a história.

Agora, a gente faz pesquisas de opinião. São feitas numa sala, onde tem um espelho, onde se reúnem vários grupos, de dez, vinte, trinta pessoas, que ficam falando sobre o que acham de uma novela, do que gostam, do que não gostam, coisas assim. Mas o resultado dessas pesquisas é mais para reafirmar o que a gente já está fazendo do que realmente para mudar alguma coisa. Não me lembro de nenhuma novela que eu tenha feito e que por causa de pesquisa eu tenha mudado. Mas a imprensa gosta de falar isso...

É gozado, a gente faz novela há mais de cinquenta anos e até hoje as pessoas não entenderam ainda como é fazer novela. Tudo o que você lê sobre como fazer novela, é quase tudo fofoca, não é realmente como a coisa se processa. O público é o nosso objetivo principal. Agora, claro que se você está fazendo uma novela que tem alguma coisa que está ofendendo o público, que está ofendendo alguém, ou está sendo mal vista de alguma maneira, você tem jeitos de mudar aquilo. Acho que essa é a diferença da novela como escrita, como produto, do livro ou do filme: a novela nunca está pronta. A gente vai escrevendo a novela, de acordo com a ideia, de acordo com o estímulo que o ator dá para mim... o autor vê como é que o ator está fazendo aquele papel, vê o jeito que o diretor está dirigindo, gosta mais disso ou menos daquilo, então escreve mais ou menos para aquele ator ou para aquele tipo de situação... enfim, essa junção de talentos é que faz com que a novela seja esse produto vivo – e que é o principal produto de entretenimento no Brasil há mais de cinquenta anos.

Ivani: E o que faz o sucesso de uma novela?

Silvio: Ah... essa é a pergunta de um milhão de dólares... *(Risos)*

Ivani: Tem algum tipo de personagem... algumas situações?

Silvio: A gente não sabe. Eu fiz muito sucesso com novela, e eu não sei. Acho que o que faz sucesso é você fazer uma novela em que você acredita. Porque, no fim da história, é a sua comunicação com o público. O que você está fazendo ali, o que você escreveu, é o que o público vai ver e vai seguir. Se ele acreditar naquilo que ele está vendo, ele fica do seu lado. Se não acreditar, ele vai procurar outra coisa para fazer. Se você estiver fazendo aquilo para enganar o público, se você estiver fazendo aquilo só para ganhar dinheiro, se você não está envolvido naquilo de uma maneira total, não funciona. Isso a gente tem visto em várias novelas, inclusive em novelas que estiveram no ar há pouco tempo, que quando não existe um empenho do autor, a novela não vai. Você pode ter um elenco maravilhoso, pode ter até uma direção

inspirada, mas se a história não é relevante, se a história não é interessante, o público não vai atrás.

A novela também não é o produto de uma só pessoa, o produto de um autor. Novela é um produto coletivo, acho que o mais coletivo que existe. Depende dos atores, da produção, do diretor, depende de tudo. Eu costumo dizer que o texto de novela, quem lê (às vezes...) são os atores (*risos*), e os diretores, porque precisam fazer aquilo ali. Mas... o público não lê. O público vai receber o que ele vê na tela. E isso não é o produto só do autor. O que ele vê na tela é um produto conjunto do talento do ator, do talento da atriz, do talento do diretor, do iluminador, do cenógrafo... é um produto muito coletivo. A afirmação: “uma novela de Fulano” não é verdadeira. A novela é escrita por fulano, dirigida por beltrano, interpretada por sicrano e assim por diante. É um trabalho muito coletivo; e muito difícil de fazer.

Uma das coisas mais difíceis que existe é descobrir um novo autor de novela. Desde que entrei na Globo, eu revelei vários autores novos lá, mas dá muito trabalho. Uma pessoa que escreve um livro, uma pessoa que escreve um roteiro de filme, provavelmente não vai saber escrever uma novela, porque não é a mesma coisa. São maneiras diferentes de raciocinar – sobre o contar da história, sobre os personagens, sobre as tramas; de raciocinar a cada quinze minutos um gancho para que a pessoa não desligue a televisão durante os comerciais; e de raciocinar para que a pessoa continue vendo a novela dia após dia e durante duzentos dias seguidos. É um trabalho que tem muita técnica, mas tem muito, muito de inspiração também. E de dedicação. Acho que, para dar certo como autor de novela, você tem que ter talento e tem que ter vocação. Porque é uma vocação você ficar sentado em casa escrevendo trinta páginas todos os dias. É muito difícil.

Ivani: Mas acho que tem que ter uma formação universal, você tem que estar por dentro de tudo, não é só, você tem que ir no cinema, tem que ver o que está acontecendo, porque você tem que mostrar alguma realidade, é o que você falou, você tem que mostrar o que o público quer, então, você tem que saber o que está acontecendo.

Silvio: Claro, de tudo. Você tem que saber o que está acontecendo em política, em arte, em moda... você tem que saber de tudo, tem que estar sempre antenado. É como uma reportagem...

Ivani: As vezes, numa novela, tem vários núcleos, você fala: “Gente, pra cada núcleo é um tipo de vida, é um tipo de gente...”

Silvio: É, mas a gente também usa pesquisa. Toda vez que eu quis fazer novela sobre este ou aquele assunto, eu tinha uma pessoa especializada que pesquisava para mim. Principalmente termos jurídicos, que são complicados; isso é preciso ter alguém que saiba.

Mas eu faço assim: “Quero que Fulano mate Sicrano e não vá preso”. “Ah, não pode”. “Ah, tem que poder!” *(Risos)*. Aí tenho que descobrir de que jeito que vou fazer para acontecer o que eu quero. Uma das coisas mais difíceis que fiz foi na novela Rainha da Sucata: como prender uma pessoa? Eu queria que a Regina Duarte fosse para a cadeia. Ela deu um tiro no Tony Ramos e não podia ir para a cadeia porque era primária, não iria. E eu: “Não! Eu quero que ela vá pro presídio!” *(Risos)*. Aí eu fiz uma cena dela com a Gloria Menezes na delegacia: na frente do delegado, ela sentou a mão na outra, aí pronto, ela foi presa. *(Risos)*.

Porque você lida com a realidade. Por mais fantasia que você faça, tem que ter um pé na realidade. O que faz com que a novela exista é o público acreditar naquela história. É acreditando na história que você vai ficar com raiva daquela vilã; que você vai torcer por aquela mocinha; que você vai querer que aquele galã se dê bem. Se você não acreditar na história...

Ivani: Agora eu sei que você acompanha todas as novelas, assiste, tal; as suas, você também acompanhava? Você assistia?

Silvio: Sempre assistia. Na hora em que ela passava. Eu não sou da época do vídeo cassete... Eu assistia na raça, ali! Sempre assistia. É engraçado, eu conseguia me dividir entre autor de novela e espectador de novela. Quando estou assistindo uma novela que eu escrevi, estou assistindo uma novela que não fui eu que fiz.

Ivani: Você consegue?

Silvio: Consigo. Eu assisto, e aí fico vendo o que está bom, o que está ruim, do que estou gostando, do que não estou gostando, se está funcionando. Eu não fico vendo se o que eu fiz está funcionando; eu fico vendo como se não fosse eu que tivesse feito. E curiosamente, para quem como eu, que já escrevi dezesseis novelas, eu não me lembro de nada. *(Risos)*. As vezes passa no canal Viva uma novela que escrevi há dez anos, vinte anos atrás, e meu Deus do céu, não me lembro, não me lembro de nada, não lembro que eu tenha escrito essas frases, não lembro dessa história. E eu fico interessado em saber o que vai acontecer! *(Risos)*. Aí eu vou lá no texto da novela, que eu tenho encadernado, olhar: “Olhe só, ele vai fazer isso, ele vai fazer aquilo...”. Eu sou noveleiro também! Eu gosto.

Eu sempre gostei de novela, desde criança. Escutava na rádio São Paulo, escutava na rádio Tupi... eu gostava de novela. Não é só de novela: eu gosto de novela, mas eu gosto de história; gosto de cinema, de teatro, gosto de filme que tem enredo; não gosto de filme só de ideia... aí você fica olhando aquela paisagem, aí vê aquele cavalo passar, aí a coisa não anda... *(Risos)* – eu não gosto, não. Eu gosto de saber da história, fulano casou com beltrano, a moça foi lá e deu um tapa na cara... eu gosto de história, entendeu? Novela é isso, tem história. Talvez é por isso que eu gosto de fazer, é porque... eu gosto também de assistir, entende?

Ivani: A primeira novela sua?

Silvio: Éramos Seis. Está sendo refeita agora na Globo. Estreia agora, às seis horas, depois que o Marcelo Médici (*)sair do ar, porque ele está fazendo muito sucesso lá com Órfãos da Terra; quando acabar Órfãos da Terra a gente entra com Éramos Seis. Acho que estreia em outubro.

() O ator Marcelo Médici, que faz o personagem Abner na novela citada, estava presente na plateia.*

Ivani: E uma novela tantos anos depois – como é que é essa?

Silvio: Éramos Seis está sendo feita pela terceira vez. Foi a primeira novela que escrevi, para a TV Tupi, em 1977. Foi com a Nicete Bruno e o Guarnieri, foi um grande sucesso. Depois a gente refez essa novela pelo SBT em 1992, com a Irene Ravache e o Othon Bastos, outro enorme sucesso. Agora vamos fazer com a Glória Pires e o Calloni. São atores excelentes. O trabalho da Irene Ravache no Éramos Seis é comovente. Um belíssimo trabalho. Acho que é o que vocês mais se lembram, porque é o mais recente, foi feito em 92.. A novela é muito bonita. É bem diferente das novelas que estão no ar. É uma novela de família, é uma novela de amor, uma novela de ternura; não tem nada de agressivo. Acho que a gente está precisando desse tipo de novela hoje em dia. Acho que o mundo está muito triste, as pessoas estão muito desesperançadas, todo mundo reclama de tudo, a vida está chata, a gente não gosta das coisas... Éramos Seis tem essa valorização de família, e principalmente de ternura. Ternura é uma coisa que está faltando muito no Brasil, e essa novela tem muito.

Ivani: E é isso que você falou, também é uma função da novela, né?

Silvio: Eu acho que sim. Quando a gente consegue pegar o espírito do que o público está esperando e consegue botar no ar – nem sempre a gente consegue, porque é uma novela atrás da outra – a gente consegue fazer coisas muito bonitas. Eu acho – inclusive socialmente – que a gente consegue fazer coisas bem relevantes.

Ivani: Nessa separação das novelas da Globo, das seis, das sete, como é que funciona essa divisão assim: por temas, por... tem um critério?

Silvio: A Globo estabeleceu um tipo de novela desde o início, há cinquenta anos atrás. A novela das seis começou mais com adaptações literárias, mais de romances; mas voltou a ser de autoria; a novela das sete seria um romance mais açucarado; e a das oito uma novela com mais melodrama, mais policial, coisas assim. Quando fui para a Globo, em 1978, comecei a fazer um tipo de novela das sete com mais comédia. E aí também se estabeleceu assim: a novela das sete, além de romance, tem comédia, e ficou assim até hoje.

Então, o público espera exatamente isso: que a novela das seis seja mais romântica, porque na verdade quem mais vê a novela das seis é a dona de casa, é a empregada, é a criança que está chegando da escola. A novela das sete é uma novela que passa quando o pessoal está chegando em casa, a mulher está fazendo o jantar, então tem que ser uma novela mais animada, porque senão ninguém vai parar para ver. Se tem correria, tem tapa na cara, tem confusão, o povo já gosta mais de ver. A novela das oito é um programa – e a gente tem pesquisas sobre isso – que a família ainda assiste junto. Então, você também tem que tomar cuidado com os assuntos que aborda, e de que maneira aborda, porque você vai ter a avó, a neta, a mãe, o pai, a filha, assistindo juntos, e há assuntos que incomodam as pessoas.

A novela tem uma função, mas não tem a capacidade de mudar o raciocínio de uma pessoa, como tem, por exemplo, um livro, ou uma peça de teatro, ou um filme porque, quando você está lendo um livro, você está ali, raciocinando claramente sobre aquilo; quando está vendo um filme, está numa sala escura, com uma tela enorme que está te passando ideias ali; quando você está no teatro, você tem uma pessoa em carne e osso falando para você diretamente. A novela você assiste com o cachorro latindo, o telefone tocando, gente fritando no fogão, pessoas entrando e saindo da sala... na hora em que começa a novela, em vez da pessoa prestar atenção no que o ator está fazendo, alguém fala assim: “Nossa, como ela engordou, não?” (*risos*), “Nossa, como ela está velha!” e o que tinha de principal naquela cena já foi por água abaixo.

Eu me lembro que uma vez fiz uma cena ótima para a Regina Duarte na Rainha da Sucata; era um monólogo longo, levei um tempão para escrever aquilo, me deu um trabalho danado... aí estávamos assistindo a novela, eu, minha mulher, minha filha, minha mãe, meu pai, e quando começou a cena do monólogo, alguém disse assim: “Ai que laçarote horroroso ela pôs na cabeça!” (*Risos*). E outro emendou: “Ah, essa roupa também está muito feia!” (*Risos*). Resultado: ninguém ouviu nada do monólogo. E isso foi na minha casa! Imaginem na casa dos outros!!!... (*Risos*).

Ivani: E você reclamou?

Silvio: Na hora não adianta reclamar. Vou ouvir: “Ai, que cara chato!...” Pode ser chato, mas novela é assim. As pessoas assistem nas casas delas, têm todo o direito de comentar... E comentam mesmo, porque no Brasil todo mundo entende de novela e de futebol... durante o jogo, é “tira aquele”, “bota aquele outro”, “perna de pau”... e os coitados estão lá no campo, correndo, se matando, e a gente em casa metendo o pau. Novela é a mesma coisa. Todo mundo sabe fazer novela, todo mundo sabe como uma novela deve ser feita. (*Risos*). Mas... não é bem assim...

Ivani: E falando em “como está velha, como está gorda”, como é que está o mercado para atores com mais de cinquenta anos na TV?

Silvio: Acho que está ótimo. Tem papel para todo mundo, a novela tem essa possibilidade, a novela sempre tem a mãe, a avó, a tia, assim como tem a bandida e a mocinha. Acho que a novela, para o ator brasileiro, é um campo de trabalho maravilhoso. Se não fosse a televisão, eles estariam em situação bem difícil. Principalmente agora, com esse governo que cortou as verbas todas, fica muito difícil subsistir, porque eles têm que fazer os seus próprios espetáculos, não têm mais patrocínio, mas ao fazer os espetáculos são obrigados a vender meia entrada; eu acho que tudo bem, que é um direito da pessoa mais velha ter meia entrada, mas acho que quem devia pagar a outra metade é o governo; por que um produtor tem que dar meia entrada para estudante, tem que dar meia entrada para uma pessoa mais velha? Pode ser um direito dela, mas hoje quem tem que pagar é o produtor.

Hoje em dia você não cobre os custos de uma produção, então as produções ficaram cada vez menores em teatro; só os atores que têm muito nome conseguem fazer peças com dois ou três personagens; os outros todos, que são um mundo de gente, não têm trabalho. Em cinema também, os filmes são feitos, mas não há um mercado fixo, você não pode sustentar uma família fazendo cinema. A televisão não: ela dá, sendo uma indústria, a possibilidade de você manter a sua família. Eu digo isso da minha experiência com minhas reinvenções. Quando eu trabalhava como diretor de cinema, eu não conseguia sustentar a minha família. Como diretor de cinema, como ator, mesmo como roteirista, não conseguia. Começamos a ter uma vida mais regrada, em que você sabia que ia ter dinheiro para fazer a feira, em que podia comprar coisas em prestações, facilidades assim, porque havia o salário da televisão. A televisão no Brasil evoluiu muito, graças a Deus, e hoje é um campo de trabalho maravilhoso, para todas as categorias de pessoas que nela trabalham.

Ivani: Eu fui conhecer lá com você aquela vez o Projac e eu fiquei impressionada com o número de pessoas que trabalham, quer dizer, a quantidade de empregos...

Silvio: É, no Projac temos quinze mil pessoas empregadas.

Ivani: É muita gente!

Silvio: É muita gente. Na Globo, 44% dos empregados são mulheres. Falta 6% para ficar meio a meio. É uma mulherada... *(Risos)*. Nas reuniões que eu faço lá, tem dois homens e trinta mulheres. Mas tudo bem, a gente se dá bem... *(Risos)*

Ivani: Falando em mulheres, é mais fácil fazer um bom personagem feminino?

Silvio: Ah, Ivani! É melhor, né! Eu acho a mulher como personagem mais interessante do que o homem. Mas acho que há personagens masculinos também bastante fascinantes. Com mulher você pode jogar mais com charme, jogar mais com sedução – se bem que hoje em dia você não pode fazer muito assim; tem que fazer mulher mais intelectual, senão sai briga, né, você é chamado de machista, não sei o que mais.

Existe uma evolução natural do ser humano, tanto do homem como da mulher, que é sempre interessante você colocar na novela. É indiferente se é homem ou mulher. Eu fiz bons personagens para homens, fiz bons personagens para mulheres também. Aliás, fiz uma novela chamada Guerra dos Sexos, que é exatamente isso: a briga dos dois sexos. Acho que tem espaço para todo mundo. Depende da ideia que você tem na hora de fazer, depende do personagem que você quer desenvolver.

Ivani: Uma vez te perguntei se você tinha uma novela preferida e você falou que não, que assim... teve uma que foi um desafio maior, que te deu mais trabalho?

Silvio: Todas dão muito trabalho. Novela é muito trabalhoso. Mas acho que a que me deu mais trabalho foi A Próxima Vítima.

Ivani: Por que?

Silvio: Porque era uma história muito intrincada. Era uma novela que tinha que ter uma coerência na narrativa muito grande. Numa novela, você tem que escrever trinta páginas por dia; tem dia em que você está bem inspirado, mas tem dia em que você não está inspirado, mas mesmo assim você tem que escrever. Se você está fazendo uma novela que pode ir para qualquer lado, porque depois você pode consertar, você pode escrever cenas que não vão ter consequências decisivas dentro da história. Aí ficam aqueles capítulos meio chatos... mas isso passa! Em A Próxima Vítima eu não podia fazer isso, porque nela tudo era consequente; tudo o que se falava no texto tinha a ver com a trama.

Ivani: Era muito ágil, né?

Silvio: Além de ser muito ágil, ela tinha que ter uma lógica. O gênero policial pede uma lógica. Se você está escrevendo uma história policial, quando você vai dar o desfecho, a pessoa que assiste tem que dizer: "Ah, tem razão. Naquela hora, 3:45, ele estava mesmo lá na porta da igreja, por isso é que ele viu a mulher que saiu não sei de onde e tomou não sei que rumo para fazer não sei o que..." Dá para entender? Se você se perde nessa narrativa, você estraga o produto. É diferente de um livro, por exemplo. Eu estou escrevendo um livro e... não sei se é assim, Santana (*)- estou escrevendo um livro policial, chego no fim, e não quero que o assassino seja mais Beltrano; aí eu volto – ninguém leu o livro ainda, só eu li – reescrevo umas partes e faço com que termine com o assassino sendo Fulano. A novela eu vou escrevendo e o público vai assistindo, então eu não tenho volta. Se viu, está visto. Então eu não tenho como enganar o público.

(*) *dirigindo-se ao autor dr. José Santana Filho, presente na plateia*

Essa história que falam que a gente grava três finais, dois finais, é tudo mentira. A gente fala isso... *(Risos)*... a gente fala isso porque, por uma falta de respeito com o nosso trabalho, os jornais adoram contar os finais de novela antes de irem ao ar. Para a gente que está criando todo aquele suspense, isso frustra muito. Para mim, como artista, ver que aquilo que eu estou criando, que eu quero que a pessoa acompanhe passo a passo, é delatado por outro, é muito ruim. É como você ir ao cinema, sentar lá no escuro, e alguém atrás de você fala alto: "O assassino é Fulano"... dançou, né? Dá vontade de sentar a mão na cara do cara... E é assim que acontece. Mas se o espectador não tem certeza de que vai ser aquilo mesmo, já ajuda um pouco. Então você escreve o final, manda o final, sai no jornal que é Fulano, mas ele sabe que tem outro final possível, fica a dúvida: "Será que é Fulano? Pode não ser Fulano... Será que vai ser Beltrano?" Aí você põe uns quatro ou cinco finais... Agora, com o computador, é muito bom, porque dá para escrever um monte de cenas falsas e mandar, aí os jornais publicam, fica aquela confusão, todo mundo quer ver o final para conferir... Acabou, fica tudo bem.

Eu fiz muito disso. Na Próxima Vítima tinha uma coisa assim: o público tinha que descobrir quem está matando, porque está matando, e quem será a próxima vítima. E quem será a próxima vítima era um problema, porque a cada mês eu matava um... *(Risos)*

Ivani: Você matou quantos na novela?

Silvio: Doze. Matei doze. *(Risos)*. A cada mês eu matava um, mas eu não queria que o povo soubesse quem ia morrer. Era uma surpresa. E eu não conseguia fazer a surpresa, porque de cada vez que eu mandava o capítulo com a morte, alguém falava, saía na imprensa, e estragava a minha história. Tinha uma revista que acho que já acabou, chamada Contigo, que era quem mais publicava as coisas; descobri que ela fechava a redação da semana nas quintas-feiras. Então, eu mandava o bloco de capítulos na quinta-feira. Bloco de capítulos é o seguinte: a gente faz seis capítulos toda semana e esse é um bloco, que é gravado de uma vez. No último capítulo do bloco, tinha quem ia morrer, só que era uma cena falsa. E eu mandava. Eles se apoderavam dos capítulos e publicavam quem ia morrer. No dia seguinte, eu mandava outro capítulo, para substituir aquele, agora era o capítulo verdadeiro. Só que eles já tinham publicado o falso, então aí ficava uma confusão. Mas dava trabalho! Dava trabalho!

Ivani: Nossa, com certeza!

Silvio: Mas eu tinha que fazer. Isso que é o negócio da novela. A novela não é igual a qualquer outro produto de literatura ou coisa assim. Novela é uma coisa que pega a sociedade toda, todo mundo comenta, você vai no supermercado e as pessoas vêm falar com você: "Não gostei disso, gostei daquilo"... elas se sentem com intimidade...

Até hoje, que eu não escrevo mais novela, as pessoas me param na rua e falam: “Ah, não estou gostando dessa mãe, essa moça está maltratando muito essa mãe, essa mãe é muito boba, quando é que ela vai descobrir que essa filha não presta...”
(Risos).

Ivani: É A Dona do Pedaco...

Silvio: Então é assim, essa coisa que é muito brasileira também, o povo brasileiro gosta muito de novela, gosta de história, e isso é bem gratificante.

Ivani: A Dona do Pedaco está indo bem, não é?

Silvio: Muito bem.

Ivani: As pessoas estão falando bastante...

Silvio: É um grande sucesso. Aliás, todas as novelas da Globo estão indo muito bem. Todas estão fazendo sucesso. A Dona do Pedaco é realmente muito comentada, muito boa, as pessoas estão se divertindo com ela, acho isso ótimo, e daqui a pouco a mãe vai descobrir que a filha não presta e vai sentar a mão na filha... (Risos)

Ivani: Silvio, e as séries? Como é que estão as séries? Como é que você participa das séries?

Silvio: É completamente diferente; é outro trabalho. Estou começando agora a mexer nas séries, porque quem cuidava delas era o Guel Arraes, ele saiu, entrou a Glória Peres, também saiu, então veio tudo para mim. Nas séries você tem que ter assuntos relevantes, que vão ao ar uma vez por semana, com histórias baseadas naquele mesmo assunto. É diferente da novela, que é uma história comprida, uma história longa, onde as coisas vão acontecendo, e a novela vai se formando. A série pega o personagem e o coloca em diferentes situações dentro daquele mesmo mundo. Por exemplo, Sob Pressão são aqueles dois médicos naquele hospital e em cada episódio acontece uma coisa diferente. Não é uma coisa continuada. A pessoa que foi lá naquele dia e que foi medicada, ou que morreu, ou o que for, no outro episódio não aparece mais, porque daí é outra história. É uma outra maneira de raciocinar, é uma outra maneira de escrever.

Na Globo agora temos vinte e três séries em produção, cada uma com um assunto diferente, relevante. Acabou de passar Assédio, uma série muito importante, que também foi um sucesso internacional. Estamos agora também produzindo com os Estados Unidos, com Hollywood. Já temos três projetos com a Sony, que é a antiga Metro, e isso é bom, porque vamos abrindo espaço. Estamos fazendo uma minissérie lá com uma mistura de atores brasileiros e americanos, há alemães também, com técnicos brasileiros, é um projeto internacional mesmo.

Todas as outras produtoras, como a NetFlix, a Amazon, a Hulo, todas elas produzem séries, não produzem novelas. Só nós produzimos novelas. Outras emissoras fazem novela, mas não chegam a ser nossas concorrentes. Mas nas séries não; elas têm essa peculiaridade, elas exigem uma originalidade muito maior, porque nas séries nós concorreremos com o mundo inteiro. Hoje em dia, na internet, você assiste a série que quiser, na hora que quiser, com atores fantásticos. Então, é um trabalho muito mais elaborado, feito com muito mais cuidado, é muito mais caro: um capítulo de série é muito mais caro do que um capítulo de novela.

Ivani: Já aconteceu com você de assim se arrepender do final que você deu para um personagem, matar alguém, esse não devia ter morrido, teve isso, ou não?

Silvio: Não, não teve. Eu gostei dos finais que dei para as pessoas. *(Risos)*. Já matei gente no metrô, já empurrei a Laurinha Figueiroa lá do alto do edifício, já fiz muita gente morrer... *(Risos)*.

A novela tem essa maravilha. Quando você escreve, você fica sozinho dentro de um escritório, com um computador na sua frente. Hoje é um computador, antigamente era máquina de escrever e papel. E de repente, ali, a sua cabeça voa. Costumo dizer assim: a minha vida é muito normal, sou casado há quarenta e quatro anos, graças a Deus, com uma mulher que eu amo, graças a Deus, tenho uma filha ótima, graças a Deus; não sou uma pessoa que tenha grandes problemas, grandes vícios, eu não tenho isso. Sou um cara completamente... sem graça! *(Risos)*. Mas, quando eu entro naquele escritório e começo a imaginar coisas, meu Deus, daí eu sou... sou um espadachim, sou um bandido, mato gente, vou pra cama com quem eu quero *(risos)*, ali eu sou dono da minha fantasia. Essa fantasia é ótima, me alimenta muito.

Tem uma coisa engraçada quando você escreve novela: você fica tanto tempo ali dentro, que quando ela acaba, você percebe que esteve em outro mundo. Eu escrevo: “E aí explode o shopping”, e pum! O shopping explode! “Fulano cai do...” e ele cai! Tudo que eu mando fazer, se faz, acontece, *(risos)*, sou deus ali, naquele momento. Aí a novela acaba. Aí eu saio na rua, quero atravessar a rua, mas os carros não param... *(risos)*... ninguém me obedece mais, aquele mundo não me pertence... *(risos)*. Eu levo um tempo para de novo ser... uma pessoa! Porque eu era deus. Mas é verdade isso... Não sei se você sente isso também quando você escreve, Santana...

() dirigindo-se novamente ao autor dr. José Santana Filho, presente na plateia*

Santana: **(fala inaudível)**

Silvio: É a gente voa, voa, voa. Isso é muito bom.

Ivani: Como que é o Silvio? O que você gosta de fazer além de escrever novela?

Silvio: Assistir novela... *(risos)*.

Ivani: Que mais?

Silvio: Gosto de assistir novela, gosto de assistir filme, gosto de ir ao teatro... é do que eu gosto. A minha vida inteira foi isso. Eu não sou pessoa que faça esportes, faço ginástica agora para não morrer antes da hora *(risos)*, tem que fazer, faço, mas não é uma coisa de que eu goste. Sou uma pessoa de assistir muita coisa. Gosto de ler, muito. Aliás é o que mais faço agora na Globo; já fazia antes, mas agora tenho que ler essas novelas todas que estão no ar, porque tenho que aprovar, mandar refazer, mexer, é um trabalho insano, um trabalho muito, muito, muito grande. Mas eu gosto de fazer. Não tenho nenhuma reclamação. Minha vida é assim, minha vida é muito simples, gosto de ir ao cinema, gosto de jantar fora de vez em quando...

Ivani: E você, quando sai assim, as pessoas falam com você? Isso também não te incomoda, né, você leva numa boa, né?

Silvio: Não, acho ótimo, não me incomoda nada. Eu gosto de conversar com as pessoas, as pessoas são sempre muito simpáticas. É engraçado, porque como eu fiz muita comédia, quando as pessoas vêm falar comigo, ela já vêm rindo *(risos)*...

Ivani: Isso é bom

Silvio: Só me chocou uma vez em que eu estava com a minha mulher no shopping, chegou um cara, um senhor, com um menininho, e falou para o menininho: "Olha, Fulano, esse é o Silvio de Abreu, eu cresci assistindo as novelas dele..." *(Risos)*. Aí vi como estava velho... não fiquei triste, não, só fiquei chocado...

Ivani: Envelhecer te incomoda, Silvio?

Silvio: Não.

Ivani: Você está lidando bem com isso?

Silvio: Meu Deus do céu, eu tenho setenta e seis anos, e acho que não é possível que eu tenha setenta e seis anos. Não sinto isso. Não sinto. Como que é ter setenta e seis anos? Eu me lembro que quando eu era moleque, devia ter uns seis ou sete anos, tinha um tio que fez trinta e três anos, e eu pensei : "Nossa, como ele está velho, coitado, trinta e três anos!" Eu não sei, não sinto. Setenta e seis é muito, né, é velho mesmo, setenta e seis anos é bastante. Mas não sinto isso. Não posso dizer que acordo de manhã com dor aqui e ali, estou sempre disposto, estou animado, quero fazer...

É engraçado que lá na Globo eu era o mais novinho há quarenta anos atrás, hoje eu sou o mais velho. Quando a gente faz lá aquela reunião de cúpula, todo mundo tem

cinquenta, quarenta, trinta anos, e eu sou o mais velho. Mas não tem diferença, ninguém me trata como velhinho.

Eu estou bem. Acho que o que faz envelhecer é a cabeça da gente. Não é porque você tem setenta e seis anos que tem que pegar o tricô ou jogar dominó na praça. Se tem alguém que falou que tem que ser assim... eu acho que não tem que ser assim não. A gente pode cada vez fazer mais. Enquanto tiver saúde, enquanto estiver em pé. Não tenho nenhum problema de que me achem velho: eu sou velho. Mas não me incomoda ser velho, nunca escondi idade, acho até engraçado.

Hoje mesmo estava fazendo uma conferência pelo computador, conectado com Los Angeles, Madri, Rio de Janeiro, Nova York e eu em São Paulo, falando dessa série que a gente está fazendo agora com a Sony. Quando eu nasci, isso seria coisa para o Flash Gordon (*risos*). Viver isso hoje, não é uma maravilha? Poder ver isso, poder apertar aquele botão lá e falar com o mundo inteiro, juntos? É um privilégio!

Ivani: Você lida bem com tecnologia?

Silvio: Eu não! (*risos*). Tenho uma dificuldade danada... Ué, mas faço! Chame um técnico na sua casa, e veja como ele trabalha. Ele fica fuçando, fuçando, fuçando, até acertar. Ele também não sabe assim... (*risos*). Olhem quanto tempo ele leva para resolver aquele problema... (*risos*)

Ivani: Me fala uma coisa. E você tem... Você vai ganhar um prêmio agora, não tem... não tem... você não vai...

Silvio: Tem um prêmio agora lá em Nova York; é um prêmio do Consulado Brasileiro para artistas brasileiros. Uma vez por ano eles dão esse prêmio lá em Nova York. Vai ser agora dia 13 de setembro, e eu vou lá para receber esse prêmio. Foi uma surpresa para mim. Eu nem sabia que existia esse prêmio. Achei bom, achei muito bom ganhar prêmio...

Ivani: Nossa! Você deve ter muitos prêmios.

Silvio: Tenho alguns. De novela ganhei muitos prêmios. O que eu mais gosto é o Troféu Imprensa, porque é aquele Oscar, grande assim... (*risos*). Mas eu gosto. Gosto muito. Eu não acho que é uma coisa assim: você trabalha para ganhar prêmio. A gente sabe como prêmio é dado, a gente sabe como a coisa funciona, a gente sabe que tem coisas por trás, mas é sempre um prazer.

Ivani: E o cinema, influenciou muito suas obras? Você teve essa influência do cinema? Porque você gosta muito de cinema...

Silvio: O tempo todo. O tempo todo.

Ivani: Você pode citar algumas coisas assim...

Silvio: Tudo o que eu faço tem cinema no meio, tudo. Nas novelas, não vou dizer que copio uma cena, mas uma cena me inspira. A cena me inspira, só que em vez de fazer assim, vou fazer assado. A Fernanda Montenegro fala: “Eu sempre assisto E O Vento Levou e fico esperando que naquele final, quando o Clark Gable vai embora, que ele fale: Ah, eu vou ficar” (*risos*). Eu posso escrever isso, entendeu?

Eu gosto de recontar histórias, de emular. Por exemplo, a Guerra dos Sexos é puro cinema; foi feita em cima das comédias dos anos 30 de Hollywood, mas não tem nada copiado de nenhum filme, é uma ideia, que emula aquele estilo de screwball comedy e junta isso com pastelão, e aí surge um produto novo, divertido, bom de assistir.

O cinema me inspira, o teatro me inspira, a literatura me inspira, e a vida me inspira mais do que tudo. Já fiz uma novela a partir de uma música. Estava vindo do Guarujá, ouvindo um CD, era uma música italiana, Mala Femina, e ouvindo a música comecei a imaginar que dava uma novela assim, assim e assim; quando cheguei em casa, já tinha a novela pronta. Passione. Foi em cima dessa música. Tem o cara que gosta da mulher, a mulher que não gosta do cara, a mulher não presta, aí eu vou botar o Tony Ramos fazendo isso, vou botar o Edson Celulari fazendo aquilo, aí, pronto, já fiz! (*Risos*).

Ivani: É, e vem mesmo, dessas fontes. Você tem uns personagens, assim, quais são os personagens seus que fizeram mais sucesso?

Silvio: É... Dona Armênia, Laurinha Figueiroa, Maria do Carmo, sei lá... Bia Falcão, a Naná do Cambalacho... muitos personagens...

Ivani: E tem isso, assim, de cada autor assim gostar de trabalhar com os mesmos atores?

Silvio: Ah, eu tenho. Eu tenho a minha turminha. (*risos*). É só uma turma de gente de talento. Não tem parente. Eu tenho atores que eu admiro, claro, quero trabalhar com eles sempre, mas isso não quer dizer que eu não esteja aberto para trabalhar com outros atores também. Quero trabalhar com pessoas que entendam o que eu escrevo, que se dediquem. As vezes você pega atores que não entendem o texto, ou que raciocinam de outra maneira que não é a sua. Não é uma questão de burrice, é uma questão de ideologia. Ele não concorda com aquilo ali, ele quer modificar, fazer de outro jeito... esse é o tipo de ator de que eu não gosto. Eu gosto de ator que trabalha junto, para a gente criar junto. Porque é criando junto que a gente...

Ivani: que tem a parceria, não é?

Silvio: É. Se você não tiver um parceiro, mas tiver uma pessoa contra você, contra o seu trabalho, isso é um problema. Vai ser sempre um problema. Principalmente quando você faz as vilãs. Hoje em dia não tem muito isso não, porque o público até gosta muito de vilã, mas antigamente, quando você fazia as vilãs, ou os vilões, os atores não gostavam muito, porque daí falavam mal deles, eles achavam que não iam gostar deles, então, em vez de fazer o mau, faziam o mais ou menos mau, e então o personagem perdia a força que o autor queria nele.

Ivani: Que vilão sempre faz sucesso, né?

Silvio: Faz. Vilão faz sucesso porque vilão leva a história. O vilão é aquele que está sempre cutucando os protagonistas para que eles façam alguma coisa. Acho também que hoje em dia a gente já está escrevendo de maneira diferente. Hoje em dia a mocinha não precisa necessariamente ser passiva: aquela Rapunzel que ficava lá em cima da torre esperando lá o cara para jogar as tranças para ele subir, o povo hoje detesta esse tipo de personagem. Ele gosta daquela que briga, que vai na frente, da mulher empoderada, porque mudou muito a visão da mulher, então isso a novela tem que acompanhar. Se a novela não acompanhar, ela também não vai agradar ao público.

Ivani: E esse politicamente correto, incorreto, que hoje em dia tem... influencia até literatura, como é que isso aparece na novela?

Silvio: É um problema. Principalmente quando você faz comédia, porque mudou muito também o tipo de humor. Antigamente não era ofensivo uma série de coisas que hoje são ofensivas, e você tem que respeitar, porque as pessoas estão vendo a novela hoje, não estão vendo há vinte anos atrás. Então, você tem que ter mais responsabilidade com o que você fala hoje, para não ofender as pessoas. O que antigamente não era ofensivo, hoje é. É uma coisa difícil de lidar. É uma coisa boa para a sociedade, mas não é uma coisa boa para a dramaturgia.

Ivani: Pra criação, né...

Silvio: É difícil. É difícil lidar com isso. Mas você tem que lidar. Faz parte do seu trabalho.

Ivani: Ô, Silvio, nessa sua caminhada, qual você acha que foi, você tem assim uma melhor fase, você acha que aquela novela que você estava escrevendo foi o auge, ãh...

Silvio: Ah, já... já tive...

Ivani: Porque um projeto vai atrás do outro, né, você sempre tem projetos, né...

Silvio: É... tive... Quando fiz Guerra dos Sexos, foi um grande sucesso, foi minha revelação de autor, virou uma coqueluche, todo mundo queria me entrevistar, todo

mundo queria falar comigo, todo mundo dizia “o cara é uma maravilha”... Depois também, com as outras também, aí quando eu fui para o horário das nove foi a mesma coisa, sempre subindo... Não senti, graças a Deus, decadência. Tive fracassos, mas acho que ter fracassos também é bom. O sucesso não te dá nada, a não ser prazer. Você fica ali embebido daquilo, é difícil lidar com sucesso. É difícil você ter aquele sucesso todo e não ficar metido... Eu não fiquei porque minha mulher não deixou (*Risos*). É muito difícil você ser o centro das atenções em todo lugar que você vai, e você tem que lidar com aquilo como se aquilo não fosse nada. É difícil. Mas se você tem alguém do lado que fala: “Olha... Cuidado...” ... aí você vai se segurando. Então, nunca tive essa coisa de mudar a maneira de ser, mudar de amigo, porque estava fazendo sucesso. Mas também tive fracassos. E muito frustrante escrever uma novela que não dá certo. Porque é um trabalho muito grande, seja sucesso ou seja fracasso. Quando uma novela não dá certo, você fica querendo consertar, e não tem jeito. Sabe quando você pega um caminho errado, e não consegue ver onde é que está o erro? E você não tem tempo de parar e pensar, porque a novela está no ar, está passando...

Ivani: Agora você consegue ajudar os autores nisso

Silvio: Isso mesmo. Estou fazendo agora o que eu gostaria que tivessem feito para mim antigamente, e que ninguém fazia. Que é alguém ler seu texto antes de ir para o ar, e dizer: “Ó, você está pegando um caminho errado aqui, é melhor você ir para lá, é melhor você ir para cá”. A gente discute, fala, vê. Porque quando você está envolvido num trabalho, é muito difícil ver defeitos. Porque você está ali, você está com paixão, você está adorando fazer aquilo. Então você não vê onde está o erro. Isso vale pra ator, vale pra diretor, não só pra autor.

Ivani: A gente não analisa...

Silvio: Você vai lá e faz. Então, como é que não vê que isso está ruim? Não vê!!! Agora, uma pessoa de fora, pode ser muito melhor, porque uma pessoa de fora tem uma outra visão daquilo ali. Ela pode apontar...

Ivani: E você já sabe o que pode dar certo, o que não vai dar certo...

Silvio: Como eu falei, eu não sei tudo, eu não tenho receita de sucesso, mas eu sei exatamente quais são as armadilhas. De que maneira você pode se perder numa caminhada. De que maneira uma história que você está contando pode não chegar da maneira que você quer que ela chegue para quem está assistindo. Então isso é uma coisa de prática mesmo, de prática de já ter escrito tanto.

Ivani: E as pessoas ainda querem muitos finais felizes?

Silvio: É, as pessoas gostam de finais felizes. Eu gosto de finais felizes.

Ivani: Ah, eu adoro... *(Risos)*

Silvio: Mas acho que a gente pode fazer de todo jeito; pode fazer algum final feliz, algum outro final mais polêmico. Eu também gosto de provocar. No final da A Próxima Vítima eu chamei a Claudia Raia lá no estúdio e no último capítulo ela aparece e alguém a mata, aí começa de novo a história; termina a novela e você não fica sabendo o que aconteceu, de que ela morreu, porque ela morreu; eu gosto disso, de provocação. Para a novela continuar depois que saiu do ar. Porque novela tem isso: todo mundo adora, adora, adora, até sexta-feira. No sábado ninguém mais lembra, na segunda então já tem outra, vamos tocar o bonde.

Anos depois alguém comenta que gostou... mas na hora em que acaba, a novela some. E isso é bom. É isso que mantém a indústria. Porque uma novela que se escreve deve ser bem diferente da outra que acabou para a pessoa se interessar de novo. Se não: “ Ah, de novo a mesma história, não vou ver”. Mas não: essa é diferente. Nunca é muito diferente, mas parece que é muito diferente. Então isso é que mantém o público fiel.

Ivani: E você pode contar alguma coisa pra gente de próximas novelas, adiantar alguma coisa que vem por aí?

Silvio: Ah... tem tanta novela... *(Risos)*. Bem, já falei, vai ter Éramos Seis às seis horas, e depois dela vai ter uma outra novela boa, que é sobre o romance de D. Pedro II com a Condessa de Barral, com o Selton Melo. Às oito horas a gente vai ter uma novela de Manoela Dias, que fez uma série muito interessante chamada Justiça, mas é uma autora nova, é a primeira vez que vai escrever para o horário das nove. Depois vamos ter também uma outra novela da Lícia Manzo, que é uma autora que fazia muita novela às seis horas. A gente tem muita coisa vindo por aí.

Ivani: Temos tempo para abrir para só duas perguntas do público. Sei que tem muita gente querendo perguntar, mas vamos ficar só com essas primeiras, por uma questão de tempo.

Pergunta da plateia: Eu tenho fascínio pelo tempo. Trabalho com gente muito velha há muitos anos e gosto disso. Só que os jovens estão ficando com a cabeça velha; a molecada de trinta anos, eles estão pirados, dizem: “Eu já estou velho, não sei mais o que fazer, eu não sei o que estou fazendo...”. E gente muito mais velha diz: “Quero muito mais!” Então, parece que ficou um viés. Eu te pergunto o seguinte: você disse assim: eu me reinventei como diretor geral de dramaturgia. Mas não foi assim – fui no banheiro, tomei um banho, pronto; como que foi esse detalhe? Teve um momento que você ficou angustiado, ficou triste, ficou feliz?

Silvio: Primeiro, eu fiquei orgulhoso. É um convite para um cara de setenta anos, na época, para assumir um cargo que dentro da televisão é o mais importante, é o mais estratégico. A TV Globo é uma emissora que vive de novelas. O grande produto da

TV Globo, embora jornalismo seja importante, embora tenha shows e não sei o quê, o que mantém a TV Globo como líder de audiência mundial é a novela. Então a dramaturgia dentro da TV Globo, não só a novela, é uma coisa muito importante. Confiarem isso a mim foi um momento de falar: “Puxa, cheguei num lugar em que não esperava chegar”. Se você pensar que comecei a vida como figurante na TV Excelsior, e que eu ia na TV Globo pedir emprego e não podia passar da portaria, não conseguia falar com ninguém, e agora sou o chefe geral de todo mundo, é uma coisa que dá orgulho.

Ao mesmo tempo, vem uma certa insegurança. Será que eu sei fazer? Mas eu não posso ter medo. Eu nunca tive medo. Tive medo uma vez, quando eu ia dirigir meu primeiro filme e nunca tinha dirigido. Ia ser assistente do Carlos Manga e ele desistiu do filme e os produtores falaram: “Então você dirige”. Eu nunca tinha dirigido. Fui falar com minha mulher, que não era minha mulher ainda, era só minha amiga: “Como é que eu vou fazer isso, eu não sei, eu nunca fiz!” E ela falou: “Vai lá, você vai saber fazer, sim! Vai, que você sabe fazer!” Ela me incentivou, eu fui, e fiz. E aí eu fiz uma reinvenção na minha carreira. Depois disso nunca mais tive medo. Eu sempre vou. Meio assim, né... mas vou! (*Risos*).

Pergunta da plateia: Quanto a essa reinvenção... antigamente vocês escreviam a carta, a carta diz quem é o assassino, a carta cai debaixo do armário e fica lá, até alguém passar uma vassoura... hoje pegam a carta no mesmo capítulo, no mesmo capítulo descobrem quem matou... parece que são vinte novelas dentro de uma mesma novela. Como é esse reinventar-se?

Silvio: Mas isso é mais ou menos natural. Você foi vendo que a carta escondida já não dava mais audiência. Albertinho Limonta (*risos*) ficou cem capítulos do lado da cama de Dom Rafael de Roncal que tinha que falar: “É meu neto”. E não falava. E a gente assistia todo dia para ver se Dom Rafael de Roncal ia falar “É meu neto”. E ele não falou! (*Risos*) Isso deu Direito de Nascer, uma novela de um sucesso imenso. Hoje em dia não dá mais para fazer isso. Hoje em dia tudo é muito mais ágil. A internet inclusive é uma coisa tic-tic, tic-tic – hoje acabou, amanhã já não tem mais, vamos pra frente! A novela tem que acompanhar isso. Se a novela voltar com a carta escondida, ou quem é a minha mãe, acabou... não dá mais! Ela tem que se reinventar todo dia. Isso é um trabalho insano. É muito, muito difícil. Mas... a gente tem que fazer. E a gente tem feito, e a coisa tem andado, e vai evoluir mais ainda; a gente está lá para fazer o melhor que a gente pode. E é claro que se você não fizer no ritmo que o público quer assistir, você não vai ter o público assistindo. Então... não tem como fazer de outro jeito.

Pergunta da plateia: O professor tem a sua aposentadoria compulsória aos setenta anos. Os esportistas têm uma vida muito curta no esporte. Você acha que tem que ter uma hora de parar? Que tem uma hora para parar?

Silvio: Eu acho assim: quando você sentir que não está mais produzindo do jeito que você produzia, ou que o seu trabalho não está mais te dando satisfação – isso estou dizendo é se você puder escolher; se você não puder escolher, se você tiver que trabalhar senão você não come, aí é outra história. Estou dizendo é se você puder escolher. Eu posso agora dizer: “Não quero mais trabalhar, quero ficar na minha casa, dormindo”. Posso fazer isso? Posso. Posso fazer isso. Mas fico achando que vai ser uma pena fazer isso. Porque me sinto ainda muito animado para fazer um monte de coisas. Então, não tem sentido eu parar. Vou parar quando eu achar que não estou mais com vontade de trabalhar. Ou não tenho saúde, ou não tenho disposição, ou perdi o interesse. Posso perder um interesse na vida, por que não? Posso! Tanta gente perdeu... Meu pai se aposentou com sessenta anos; ele morreu com noventa e seis; ficou sentado vendo televisão por trinta e seis anos. *(Risos)*. Ele falava: “Ah, como é bom ser velho, se eu soubesse, tinha ficado velho antes...” *(Risos)*. Ele gostava! Nunca mais trabalhou depois que se aposentou.

Pergunta da plateia: Acho que o fato de ser criativo e estar em atividade constantemente é que faz com que você continue a produzir e que nem perceba o envelhecimento? Eu observo o Niemeyer com cento e cinco anos produzindo, a Tomie Otake com cem anos produzindo, o arquiteto japonês que faleceu agora produzindo com cem anos... talvez seja isso que faz a diferença?

Silvio: Acho que é isso que faz a diferença. Você citou artistas, mas acho que pode ser qualquer um. Se tiver uma atividade da qual realmente goste, você vai querer fazer essa atividade para sempre. Acho que está sempre ligado ao prazer que você tem. O prazer de viver, o prazer de fazer, o prazer de criar, o prazer de se comunicar, o prazer de falar, tudo isso, se você tiver – em qualquer função que você esteja, se você tiver prazer no que você está fazendo, acho que é infinito. Você pode ir até quando acabar. Agora, se você não gosta do que está fazendo, se aquilo é uma coisa desagradável, se você acha que é uma coisa chata, que não tem sentido... aí evidentemente a vida é péssima. Mas não só para quem tem setenta e seis, para quem tem vinte e cinco também. Eu me lembro que trabalhei como funcionário público por uma época e era um inferno, eu não queria aquilo para mim: entrar lá, chegar no escritório, sentar lá, aquela gente idiota falando bobagem, eu ficava ali, não tinha nada para fazer, fazia um serviço rápido, não podia sair, tinha que ficar esperando lá sem fazer nada, uma chatice. Pedi demissão. Meu pai quase me matou. *(Risos)*. Ele falou: “Você deixou de ser funcionário público! Você estava garantido para o resto da vida!” Eu tinha entrado por concurso. Mas eu disse: “Eu não quero isso, não quero!”

Ivani: Ainda bem, não é...

Silvio: É, ainda bem que não escutei meu pai... *(Risos)*. Fui ser ator, ele me mandou para fora de casa, eu saí de casa. Tem um negócio, você tem uma coisa assim dentro de você, que vai te movimentando, que vai te levando, você acredita naquilo, e você vai! Graças a Deus essa chama não morreu dentro de mim. Eu continuo querendo

fazer e continuo feliz. Eu sempre digo que eu não nasci para ser infeliz. Eu nasci para fazer coisas boas, para me divertir, para ser feliz. Eu não sou uma pessoa negativa. Sou uma pessoa positiva, gosto de ser positivo, não vejo nenhuma vantagem em ser negativo, ficar pensando que tudo é problema. Não. Tudo se resolve. Nessa função em que eu estou hoje, posso usar tudo o que eu aprendi enquanto eu escrevia novelas. Porque, durante o escrever uma novela, acontecem coisas enormes, que você tem que resolver. Por exemplo, estou escrevendo Guerra dos Sexos e Paulo Autran, o ator principal, sai da novela porque tem que botar uma ponte de safena. E fica fora da novela. E eu tenho que resolver como é que eu vou fazer essa novela sem esse personagem. É um estímulo novo. Se eu ficar: “Ai meu Deus, Paulo Autran não vai fazer a novela...” Não! Vamos em frente! Inventar! Quando eu fiz Belíssima, tinha três protagonistas femininas: a Claudia Abreu, a Fernanda Montenegro e a Glória Pires. Eu dividi a novela de modo que de cada vez a história ia para uma delas. Em um determinado ponto da novela o personagem da Fernanda Montenegro morreu, caiu o carro dela lá do penhasco, a Claudia Abreu estava presa, lá no presídio levou uma facada e estava na UTI, e a história toda caiu em cima da Glória Pires. Que, na vida real, teve hepatite e não podia gravar. E não podia sair de casa. E eu não tinha ninguém... *(Risos)*. Peguei o telefone, confirmei que ela não ia gravar, então eu tinha que inventar alguma coisa. Então inventei. Perguntei qual foi a última cena que ela gravou. Foi quando ela foi no enterro da avó. Ótimo. Então ela teve um peripaque, um nervous breakdown, foi parar numa clínica. Pronto, já justifiquei. Aí ficava naquela clínica. *(Risos)*. E toda semana eu ligava: “Vai poder gravar nesta semana?” “Não, o médico não liberou”. Esse negócio durou seis semanas. Toda semana eu tinha que inventar uma história nova sem ela e justificar porque é que ela estava naquela porcaria daquela clínica, enquanto a história continuava andando, e o público continuava assistindo, e a história continuava crescendo. Era um trabalho louco.

Ivani: E é criativo, exatamente...

Silvio: Exatamente... e como é criativo, é louco, mas é super estimulante. Aí quando chegou na sexta semana, eu falei: “Não aguento mais ela nessa clínica”. Aí fiz o Tony Ramos entrar lá, arreventou a clínica, não sei o que, e entrou no quarto *(Risos)*. No último capítulo que mandei ele entrava no quarto e ela estava na cama, mas virada para a parede. Aí eu falei: “Se ela puder gravar, vira ela; se ela não puder gravar, vira e é outra”. *(Risos)*. E não podia! Virou, era outra! *(Risos)*. Agora, isso tudo, que parece uma brincadeira, é estimulante. É isso que faz com que uma novela seja uma coisa viva. O público fica ali, querendo saber o que vai acontecer, porque eu também estou assim, eu que estou escrevendo, eu também estou sentindo isso. *(Risos)*. E se eu não sentir isso, o público também não vai sentir. A mesma coisa os atores. Porque ela lida com sentimento, ela lida com criatividade, muito grande. Enfim...

(Sorteio, entre os presentes, do livro Um Homem de Sorte, que é uma biografia do Silvio de Abreu; do livro Crimes no Horário Nobre, outra biografia de Silvio de Abreu; e de um Calendário dos Afetos, do Ideac).

Pergunta da plateia: O que você acha mais importante para a reinvenção: a experiência ou a criatividade?

Silvio: As duas coisas. Acho que essas duas coisas combinadas é que vão fazer com que você possa ir para a frente. Acho também que é importante ter confiança em você mesmo. Se você não tiver confiança em você mesmo, ninguém vai ter. Acho que você acreditar que você pode fazer é um grande passo. E aí você usa a criatividade para isso.

Ivani: Só para terminar, Silvio: o que a passagem do tempo lhe ensinou? O que trouxe para você a passagem do tempo? Você ficou mais paciente,

Silvio: Paciente eu não sou... *(Risos)*.

Ivani: mais flexível...?

Silvio: Acho que sim... quando você tem ansiedade... acho que você consegue controlar a ansiedade. Confiança também, eu era muito inseguro, eu jamais iria fazer isso que estou fazendo agora, jamais iria falar, eu era muito tímido, inseguro, ficava muito preocupado com a opinião dos outros, entendeu, e isso tudo você vai superando. Confiança em você – isso é um reflexo, você sabe, você já fez. Quando apareciam esses problemas nas novelas, quando você vai fazer um novo trabalho, você fica ansioso, todo mundo fica; o autor fica, o ator fica: “Será que eu sei fazer?” Eu pensava assim: “Ai meu Deus, agora vão descobrir que eu não sei escrever...” *(Risos)*. Maria Celia, eu vou fazer o seguinte, eu vou chegar lá e vou dizer: Boni, eu não sei escrever, e vou embora. *(Risos)*.”

Eu acho que também você vivendo bem, tendo uma vida privilegiada, que é a que eu tenho, graças a Deus, é muito fácil você se reinventar. Tem pessoas que têm uma vida que não tem saída. É nessas pessoas que a gente tem que pensar mais: de que maneira a gente pode fazer para ajuda-las. Para que elas, mesmo no caos, consigam visualizar uma saída. Acho que nosso país está cada vez pior, a gente cada vez tem menos esperança, você vê como acontece um absurdo atrás do outro, então... eu acho que a gente também não pode desanimar. A gente desanimar e ir embora, deixar tudo aqui, não é a solução. Os problemas vão continuar. Acho também que o que a gente aprende, porque a gente aprende muito com a idade, além da paciência, é que a esperança continua. Acho que a esperança está sempre viva. Está ali, para a gente pegar, continuar, e com isso melhorar a vida, não só a sua, mas a de todo mundo.

Ivani: Muito obrigada! *(Aplausos)*.
